

Anos depois

Urbano Tavares Rodrigues

Estes contos de Leonilde Leal desorientam o leitor, pela diversidade de temas e processos enunciativos, pela multiplicidade de registos de linguagem, até pela diferença no grau de consecução artística. É certo que há na elaboração de **Anos Depois** mais instinto literário, mais sentido divinatório, do que afeição ao saber de ofício. Mas é o caldeamento desses valores — espontaneidade, graça e rudeza, originalidade e simplez, achado poético e expressão comum — que faz a novidade e o encanto desta nova escritora e do seu livro.

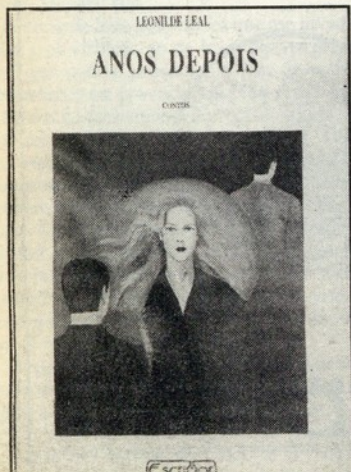
Basta folhear para se notar como os títulos já indiciam imaginação e marca pessoal. É que, de facto, nesta efabuladora realista está sempre presente a contadora de histórias mágicas, de «Joaquim Pé de Ferro» a «À Beira do Rio das Mulheres», de «O que Lila Sabia Passar-se sobre o Céu de Odemira» a «Abril» ou a «Amar na Terra da Lucidez».

O dom de comover, numa escrita seca e contundente, manifesta-se, por exemplo, em «O Segundo Dia no Lar»: intriga quase inexistente, anotação minuciosa e amarga dos pequenos gestos dos velhos num casarão para a terceira idade. Aliás, é notória, pela acumulação ao longo do volume, a preocupação da autora com os reformados, com as mulheres sós, com a infância abandonada. Sem qualquer espécie de choradinho, antes com o vigor terra-a-terra que é timbre desta escritora outras vezes tão delicada, tão inventiva, que parece ter asas ao tocar nas palavras.

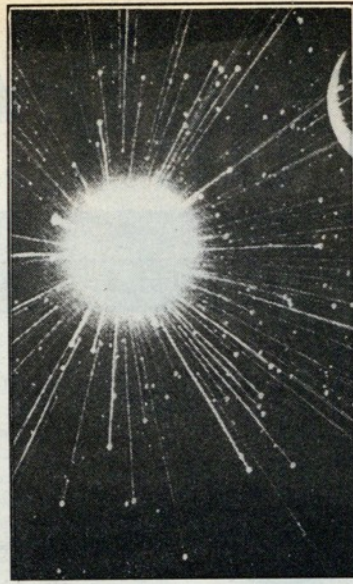
Sei que Leonilde Leal tem outros contos mais recentes e alguns deles mais amadurecidos estilisticamente, o que deixa prever, talvez para breve, a organização de um segundo livro. Mas é o aparecimento deste que hoje festejamos, a hora é de alegria e de comunhão.

Quero dizer ainda algumas palavras sobre os espaços sociais e míticos em **Anos Depois**. Saltam à vista as origens nortenhas da autora, no conhecimento das palavras com que ela recria a paisagem rural, mas é o mundo fabril do Barreiro, agitado por lutas de classe e esperanças de mudança, que constitui o cenário dramático de muitos destes contos. O espaço mítico, esse está por todo o lado, pegado à realidade mais crua ou ao sonho mais etéreo.

O que eu mais desejo para o seu livro, Leonilde, é que ele seja lido, porque, se o for, estou certo disso, será amado.



■ Leonilde Leal ■ **Anos Depois** ■ Editora Escriitor



A Ciência à procura de Deus

Raquel Gonçalves

POR UM LADO, A Ciência, representada pelos irmãos Grichka e Igor Bogdanov; por outro, a Filosofia, na voz do pensador cristão Jean Guitton. Os três envolvidos pelo halo dos **mistérios**: a deflagração «Big-Bang», o aparecimento dos seres vivos, a ordem do aleatório, a necessidade do acaso, a substância do quase vazio, as leis previsíveis das partículas imprevisíveis, as quinze constantes cosmológicas, o espírito da matéria.

E, através do diálogo, focando os variados aspectos científicos — que ora se situam no domínio da Astronomia, da Matemática e da Física, ora no da Química e da Bioquímica, vão impondo uma dinâmica conducente a um único objectivo, a explicação última e transcendental da realidade: **Temos o infinito na palma da nossa mão** — tudo e todos somos átomos de Deus.

Falamos do livro **DEUS E A CIÊNCIA**.

Os temas científicos tratados são ac-

tuais, susceptíveis de interessar um público mais vasto do que o especializado, e contêm informação correcta, acessível (aparentemente), em boa tradução.

Discorre-se sobre a origem do Universo, na sua ínfima dimensão primitiva, a inflação vertiginosa, as suas trevas e temperatura de inferno, o tempo a escoar-se... já lá vão quase três minutos!

Depois, muito depois, é a vida. **Mas, a vida, o que é?** Do inerte, ao pré-vivo, do pré-vivo ao ser vivo, um aumento de ordem e de estruturação dinâmica dissipadora de influxos de energia, de matéria e de informação responsável pelas flutuações de Prigogine.

E passa-se ao infinitamente pequeno, à procura de melhores respostas: os átomos e as partículas subatómicas fundamentais, de comportamento aleatório, desordenado e variável, mas de uma enorme precisão e regulação como fontes do próprio Universo e da vida.

Dá-se o afastamento do real, do mundo físico que nos envolve e abrange. Os infranucleares manifestam-se de modo estranho, eliminam as leis e as certezas do quotidiano, substituem o material pelo abstracto.

Atinge-se os **quarks** — a ficção matemática em funcionamento —, a ausên-

cia de substância mas também de energia, o surgimento dos «campos», imateriais, em interacção permanente na construção do real.

E, no fim, **quase nada**.
Meta-realismo?

O Tempo de Planck

Ao iniciar-se o século XX, mais precisamente em Dezembro de 1900, o físico Max Planck (Prémio Nobel em 1918) comunicou a sua descoberta sobre a transmissão da energia radiante por corpúsculos, os **quanta** singulares, cada um transportando uma quantidade de energia $h\nu$, em que h , a constante universal de Planck, tem o ínfimo valor de $6,626 \times 10^{-34}$ J s e ν representa a frequência da radiação.

Onda ou corpúsculo? Onda e corpúsculo!

É sobre esta nova concepção, alimentada pelo relativismo einsteiniano, que se veio a desenvolver muito da ciência do pós-modernismo — até concebermos e aceitarmos a ideia de que a realidade, toda a realidade, é apenas o fruto de interacções entre «campos».

O tempo de Planck, segundo a expressão dos físicos, designa a quantidade 10

³⁴ segundos, a barreira no tempo abaixo da qual o cientista nada sabe, nada pode saber. *Alí reside o mistério dos mistérios.*

O tempo de Planck é, ainda, o tempo da ciência do nosso século, conturbado e vertiginoso, libertador de carências no domínio espiritual do ser humano.

Campos abertos à intervenção do transcendente.

É cientista e cristão? Leia **DEUS E A CIÊNCIA** e ficará habilitado, através da proposta doutrinária de Jean Guitton — o **meta-realismo** —, a argumentar sobre a fusão matéria-espírito-realidade na pessoa de um Criador onisciente e onipotente.

Não é cientista nem cristão ou possivelmente apenas um destes atributos? Leia ainda **DEUS E A CIÊNCIA**. Estimulará a sua reflexão crítica objectiva e os seus processos de pensamento subjectivo num contexto bem documentado.

Assinalamos, com agrado, o cuidado posto na edição do livro, em particular na apresentação das referências bibliográficas citando as traduzidas para português.

■ Jean Guitton, Grichka Bogdanov e Igor Bogdanov ■ **Deus e a Ciência** ■ Tradução de António Moreira ■ Editorial Notícias ■ 143 páginas ■ 1680\$00

A voz de uma Palmeira

Maria da Natividade Pires

Ler **Promontório da Lua**, de Alice Vieira, é ficar fascinado, preso à ladainha do texto, aos acontecimentos com séculos a separá-los, mas enlaçados uns nos outros, através da memória de uma palmeira, que os traz até nós.

É um discurso de encantamento, o desta palmeira, que nos conta oitocentos anos da História de Portugal, falando dos acontecimentos que a terra de Cascais foi vivendo e que ela presenciou do seu canto à beira-mar, de onde avista o vaivém das ondas, a orla da terra onde elas batem, e o Promontório da Lua, a língua de terra que avança pelo mar e que «os homens de pouca imaginação chamam agora Cabo da Roca».

É, assim, pela voz de uma árvore que recebemos uma lição profunda de humanidade... É uma visão simultaneamente inocente e de experiência adquirida que a palmeira manifesta. Mohamede, o mouro que a plantou há 800 anos, num tempo em que ela foi única nestas terras, é o amigo que a compreende e que com ela fala. A impossibilidade de, depois da morte de



Mohamede, existir outro homem capaz de compreender a voz das árvores é um reflexo do progressivo afastamento da Natureza em que os homens vivem.

A contínua alternância entre o presente que anuncia a morte próxima da

palmeira e as recordações desta aproxima de tal maneira de nós esses homens e mulheres que viveram em séculos passados como nenhum compêndio de história o consegue alguma vez fazer. São breves episódios, representando momentos fulcrais da História de Portugal, mas tão vivos, com pormenores tão reais, uma linguagem tão autêntica, sentimentos tão humanos, tão «plausíveis», que compreendemos como somos, no presente, verdadeiramente fruto de todas estas vivências somadas.

As emoções da palmeira, as suas reflexões, são de uma sensibilidade e de uma argúcia extremas. De uma beleza muito grande é a sua amizade com Mohamede, o encontro com Margarida, etc.

Ao nível do discurso, Alice Vieira surpreende-nos a cada momento com a palavra certa, a repetição comedida, a extensão ou contenção precisas e esse ritmo embalador da ladainha que tão bem se adequa ao fio da recordação.

A trama narrativa constrói-se de forma simultaneamente leve e densa, pela oscilação entre presente e passado, através das recordações longínquas da personagem, nessa técnica do ponto-pé-de-

flor, com «uma laçada à frente, meia laçada atrás, uma laçada à frente, meia laçada atrás, para no fim o fio do desenhado ser muito mais espesso do que uma meada soma de laçadas em frente» (1).

Nesse desenho, revemo-nos como povo e como seres humanos instáveis, ora sofrendores ora felizes e todos com destino desta palmeira, condenada a desaparecer. Mas condenada cedo de mais (apesar dos seus oitocentos anos...), não por uma condição existencial irreversível mas «porque os homens podem mais que secas, pestes, incêndios, inundações e terremotos». A tudo isto ela sobrevive, aos homens não. E assim, a palmeira confessa: «Às vezes abano um pouco as minhas folhas a sorrir, e penso que, apesar de tudo, os homens não aprenderam nada».

Ou então esquecem muito, cada vez mais.

Sim, deve ser isso. Só pode ser isso.

(1) Clara Pinto Correia, **Ponto Pé de Flor**, Publ. D. Quixote, Lisboa, 1991, p. 256

■ Alice Vieira ■ **Promontório da Lua** ■ Editorial Caminho, Lisboa, 1991